



JUAN RULFO

Obra Reunida



cavalo de ferro

JUAN RULFO
OBRA REUNIDA

Tradução

Rui Lagartinho
Sofia Castro Rodrigues
Virgílio Tenreiro Viseu



cavalo de ferro

© Herdeiros de Juan Rulfo, 1953, 1955, 1980

© Gabriel García Márquez, 1980

© **Cavalo de Ferro Editores, 2010**

para a publicação em território português

Revisão: Maria Aida Moura

Paginação: Finepaper

1.^a edição, Junho de 2010

ISBN: 978-989-623-125-5

Quando não encontrar algum livro Cavalo de Ferro nas livrarias,
sugerimos que visite o nosso site: **www.cavalodeferro.com**

ÍNDICE

<i>Breves nostalgias sobre Juan Rulfo , por Gabriel García Márquez</i>	9
Pedro Páramo	17
O Llano em chamas.....	143
O galo de ouro.....	301

BREVES NOSTALGIAS SOBRE JUAN RULFO¹

A descoberta de Juan Rulfo — tal como a de Franz Kafka — será, sem dúvida, um capítulo essencial das minhas memórias. Eu tinha chegado ao México no mesmo dia em que Ernest Hemingway disparou o tiro da sua morte — 2 de Julho de 1961—, e não só não tinha lido os livros de Juan Rulfo, como nem sequer tinha ouvido falar dele. Era muito estranho. Desde logo porque, naquela época, eu me mantinha muito a par da actualidade literária e, em especial, do romance nas Américas. Em segundo lugar, porque as primeiras pessoas que contactei no México foram os escritores que trabalhavam com Manuel Barbachano Ponce, no seu castelo de Drácula das ruas de Córdoba, e com os redactores do suplemento literário de *Novedades*, que Fernando Benítez dirigia. Todos eles conheciam muito bem Juan Rulfo, bem entendido. No entanto, passaram pelo menos seis meses sem que alguém me falasse dele. Talvez porque Juan Rulfo, ao contrário do que acontece com os grandes clássicos, é um escritor que se lê muito mas do qual se fala muito pouco.

Eu vivia num apartamento sem elevador da rua Renán, no bairro de Anzures, com Mercedes e Rodrigo que, nessa altura, tinha menos de dois anos. Tínhamos um colchão duplo no chão do quarto grande, um berço no outro quarto e uma mesa para comer e escrever na sala, com duas

1 Cf. Juan Rulfo, *Homenaje nacional*. México, Instituto Nacional de Bellas Artes /S. E. P., 1980, pp. 31-33. (*N. dos T.*)

cadeiras apenas, que serviam para tudo. Tínhamos decidido ficar nesta cidade que ainda conservava um tamanho humano, com um ar diáfano e flores de cores delirantes nas avenidas, mas as autoridades da emigração não pareciam partilhar a nossa felicidade. Passávamos metade da vida em filas imóveis, por vezes sob a chuva, nos pátios de penitência da Secretaría de Gobernación². Nas horas que me sobravam, eu escrevia notas sobre a literatura colombiana, que transmitia de viva voz pela Radio Universidad, então dirigida por Max Aub. Eram umas notas tão sinceras que, um dia, o embaixador da Colômbia telefonou para a emissora, para apresentar um protesto formal. Quanto a ele, a minhas não eram notas sobre a literatura colombiana, mas sim contra a literatura colombiana. Max Aub chamou-me ao seu gabinete e eu pensei que era o fim do único meio de subsistência que eu tinha conseguido em seis meses. Mas aconteceu o contrário.

— Não tive tempo de ouvir o programa — disse-me Max Aub. — Mas, se é como o teu embaixador diz, deve ser muito bom.

Eu tinha 32 anos, uma carreira jornalística efêmera na Colômbia, acabava de passar três anos muito úteis e duros em Paris, oito meses em Nova Iorque, e queria fazer guiões de cinema no México. O mundo dos escritores mexicanos daquela época era semelhante àquele da Colômbia, e eu sentia-me muito bem entre eles. Seis anos antes, tinha publicado o meu primeiro romance, *La lojarasca*³ e tinha três livros inéditos: *El coronel no tiene quien le escriba*⁴,

² Organismo governamental mexicano em cujas atribuições se inclui o registo de cidadãos estrangeiros. (N. dos T.)

³ Edição portuguesa: Quetzal, 1989, sob o título *A revoadada*, tradução de António Gonçalves. (N. dos T.)

⁴ Edições portuguesas: Europa-América, 1968, tradução de V. W.; Quetzal, 1990, tradução de José Colaço Barreiros, sob o título *Ninguém escreve ao coronel*. (N. dos T.)

que apareceu nessa época na Colômbia; *La mala hora*⁵, que foi publicada pela editora Era pouco tempo depois, a pedido de Vicente Rojo, e a colecção de contos de *Los funerales de la Mamá Grande*⁶. Só que, deste último, tinha apenas as provas incompletas, porque Álvaro Mutis tinha emprestado os originais à nossa adorada Elena Poniatowska, antes da minha vinda para o México, e ela perdera-os. Mais tarde, consegui reconstruir todos os contos e Sergio Galindo publicou-os na Universidade Veracruzana, a pedido de Álvaro Mutis.

De modo que eu já era um escritor com cinco livros clandestinos. Mas o meu problema não era esse, pois nem então, nem nunca, eu tinha escrito para ser famoso, mas sim para que os meus amigos gostassem mais de mim, e julgava ter conseguido isso. O meu grande problema como romancista era o facto de, depois daqueles livros, me sentir num beco sem saída, e procurava por toda a parte uma brecha para escapar. Eu conhecia bem os autores, bons e maus, que teriam podido mostrar-me o caminho e, no entanto, sentia-me a andar em círculos concêntricos. Não me considerava esgotado. Pelo contrário: sentia que ainda me restavam muitos livros pendentes, mas não concebia um modo convincente e poético de os escrever. Estava eu nisto, quando Álvaro Mutis subiu, a passos largos, os sete pisos da minha casa com um pacote de livros, separou do monte o mais pequeno e curto e me disse, morto de riso:

— Leia isto, carago, para que aprenda!

Era *Pedro Páramo*.

Nessa noite não consegui adormecer enquanto não terminei a segunda leitura. Nunca, desde a noite tremenda

5 Edição portuguesa: Quetzal, 1992, tradução de Egito Gonçalves, sob o título *Horas más*. (N. dos T.)

6 Edições portuguesas: Europa-América, 1972, tradução de E. B.; Quetzal, 1991, tradução de Luís Nazaré, sob o título *Os funerais da Mamã Grande*. (N. dos T.)

em que li *A metamorfose* de Kafka numa lúgubre pensão para estudantes em Bogotá — quase dez anos antes —, eu sofrera semelhante comoção. No dia seguinte, li a *A planície em chamas* e o assombro permaneceu intacto. Muito depois, na sala de espera de um consultório, encontrei uma revista médica com outra obra-prima desirmanada: *La herencia de Matilde Arcángel*. Durante o resto daquele ano não consegui ler nenhum o outro autor, porque todos me pareciam menores.

Não saíra ainda completamente do deslumbramento quando alguém disse a Carlos Velo que eu era capaz de recitar de cor parágrafos inteiros de *Pedro Páramo*. A verdade ia mais longe: podia recitar o livro inteiro, de trás para a frente e da frente para trás, sem um erro significativo, e podia dizer em que página da minha edição se encontrava cada episódio e não havia um só traço do carácter de uma personagem que eu não conhecesse a fundo.

Carlos Velo encomendou-me a adaptação para o cinema de outro relato de Juan Rulfo, que era o único que eu não conhecia nessa altura: *El gallo de oro*. Eram 16 páginas muito densas, num papel de seda que estava à beira de se transformar em pó, e escritas com três máquinas diferentes. Embora não me tivessem dito de quem era, eu tê-lo-ia sabido imediatamente. A linguagem não era tão minuciosa como a do resto da obra de Juan Rulfo, e havia muito poucos recursos técnicos dos seus, mas o seu anjo pessoal voava por todo o âmbito do texto. Mais tarde, Carlos Velo e Carlos Fuentes convidaram-me para fazer uma recensão crítica da primeira adaptação de Pedro Páramo para o cinema.

Menciono estes dois trabalhos — cujo resultado final esteve muito longe de ser bom — porque eles me obrigaram a aprofundar ainda mais uma obra que, sem dúvida, já

conhecia melhor do que o próprio autor. A quem, é certo, não conheci pessoalmente se não vários anos depois. Carlos Velo tinha feito uma coisa surpreendente: tinha recortado os fragmentos temporais de *Pedro Páramo* e tinha voltado a montar o drama numa rigorosa ordem cronológica. Como mero recurso de trabalho, pareceu-me legítimo, embora o resultado fosse um livro diferente: plano e descosido. Mas foi-me muito útil para uma compreensão melhor da carpintaria secreta de Juan Rulfo e muito revelador da sua insólita sabedoria.

Havia dois problemas essenciais na adaptação de *Pedro Páramo*. O primeiro era o dos nomes. Por muito subjetivos que se julgue que são, todos os nomes, de alguma forma, são parecidos com quem os usa e isso é muito mais notável na ficção do que na vida real. Juan Rulfo disse, ou fizeram-no dizer, que compõe os nomes das suas personagens lendo lápides das sepulturas nos cemitérios de Jalisco. A única coisa que se pode dizer de ciência certa é que não há nomes próprios mais próprios do que os das pessoas dos seus livros. A mim, parecia-me impossível — e continua a parecer-me — encontrar, alguma vez, um actor que se identificasse sem nenhuma dúvida com o nome da sua personagem.

O outro problema — inseparável do anterior — era o das idades. Em toda a sua obra, Juan Rulfo teve o cuidado de ser muito descuidado quanto aos tempos das suas criaturas. Narciso Costa Rós fez há pouco tempo uma tentativa fascinante de os estabelecer em *Pedro Páramo*. Eu sempre pensei, por pura intuição poética, que quando Pedro Páramo conseguiu por fim levar Susana San Juan para o seu vasto reino da Meia-Lua, ela já era uma mulher de 62 anos. Pedro Páramo devia ser uns cinco anos mais velho do que ela. Na realidade, o drama parecia-me maior, mais

terrível e bonito, se se precipitasse pelo precipício de uma paixão senil sem alívio. As idades estabelecidas para ambos por Costa Rós não são as mesmas, mas não estão muito longe daquelas que eu tinha imaginado. Semelhante grandeza poética era impensável no cinema. Nas salas escuras, os amores de anciãos não comovem ninguém.

O mal desses preciosos escrutínios é que as razões da poesia não são sempre as mesmas da razão. Os meses em que decorrem certos acontecimentos são essenciais para a análise da obra de Juan Rulfo e eu duvido que ele estivesse consciente disso. No trabalho poético — e *Pedro Páramo* é-o, no seu grau mais elevado — os autores costumam invocar os meses por compromissos diferentes do rigor cronológico. Mais ainda: em muitos casos, muda-se o nome do mês, do dia e até do ano apenas para evitar uma rima incómoda ou uma cacofonia, sem pensar que essas mudanças podem induzir num crítico uma conclusão terminante. Isto não acontece só com os dias e os meses, mas também com as flores. Há escritores que se servem delas pelo simples prestígio dos seus nomes, sem prestarem muita atenção ao facto de corresponderem, ou não, ao lugar e à estação do ano. De modo que não é raro encontrar bons livros onde florescem gerânios na praia e túlipas na neve. Em *Pedro Páramo*, onde é impossível estabelecer de uma forma definitiva onde está a linha de demarcação entre os mortos e os vivos, as exactidões são ainda mais quiméricas. Ninguém pode saber, na realidade, quanto duram os anos da morte.

Quis dizer tudo isto para terminar dizendo que o escrutínio a fundo da obra de Juan Rulfo me deu, por fim, o caminho que procurava para continuar os meus livros e que, por isso, me era impossível escrever sobre ele sem que tudo isto parecesse ser sobre mim próprio. Agora também

quero dizer que voltei a ler toda a sua obra para escrever estas breves nostalgias e que voltei a ser a vítima inocente do mesmo assombro da primeira vez. Não são muito mais de 300 páginas, mas são quase tantas, e creio que tão perduráveis como aquelas que conhecemos de Sófocles.

Gabriel García Márquez

PEDRO PÁRAMO

Vim a Comala porque me disseram que vivia aqui o meu pai, um tal Pedro Páramo. Foi a minha mãe quem mo disse. E eu prometi-lhe que viria vê-lo quando ela morresse. Apertei-lhe as mãos como sinal de que o faria pois ela estava à beira da morte e eu disposto a prometer-lhe tudo. «Não deixes de ir visitá-lo», recomendou-me. «Chama-se assim e assado. Tenho a certeza de que gostará de conhecer-te.» Na altura nada mais pude fazer para além de lhe dizer que sim, que o faria, e de tanto lho dizer, continuei a dizê-lo mesmo depois do trabalho que as minhas mãos tiveram para se afastarem das suas mãos mortas. Imediatamente antes, dissera-me:

— Não lhe vás pedir nada. Exige-lhe o que nos pertence. O que me devia ter dado e nunca deu... O esquecimento a que nos votou, meu filho, cobra-lho caro.

— Assim farei, mãe.

Mas não pensava cumprir a minha promessa. Até ter começado, há muito pouco tempo, a encher-me de sonhos, a dar asas às ilusões. E assim se foi formando um mundo em torno da esperança que era aquele senhor chamado Pedro Páramo, o marido da minha mãe. Por isso vim a Comala.

Era o tempo da canícula, quando o ar de Agosto sopra quente, envenenado pelo odor putrefacto das saponárias.

O caminho subia e descia: «Sobe ou desce consoante se vai ou se vem. Para quem vai, sobe; para quem vem, desce.»

JUAN RULFO

— Como diz que se chama a aldeia que se vê lá em baixo?

— Comala, senhor.

— Tem a certeza de que já é Comala?

— Tenho, senhor.

— E porque é que tudo parece tão triste?

— São os tempos, senhor.

Eu imaginava ver tudo aquilo através das memórias da minha mãe; da sua nostalgia, entre retalhos de suspiros. Ela viveu sempre a suspirar por Comala, pelo regresso; mas nunca voltou. Agora venho eu em vez dela. Trago os olhos com que ela viu estas coisas, porque me deu os seus olhos para ver: «Passando o desfiladeiro de Los Colimotes, há a vista mais bonita de uma planície verde, um pouco amarela por causa do milho maduro. Daí vê-se Comala, branqueando a terra, iluminando-a durante a noite.» E a sua voz era sussurrada, quase apagada, como se falasse consigo mesma... A minha mãe.

— E que vai o senhor fazer a Comala, se se pode saber?
— ouvi alguém perguntar-me.

— Vou ver o meu pai — respondi.

— Ah! — disse ele.

E voltámos ao silêncio.

Caminhávamos encosta abaixo, ouvindo o eco do trote dos burros. Os olhos rebentados pelo torpor do sono, na canícula de Agosto.

— Que grande festa que lhe vai fazer — voltei a ouvir a voz do homem que ia ao meu lado. — Ficaré contente por ver alguém depois de tantos anos sem que ninguém passasse por cá.

Depois acrescentou:

— Seja você quem for, ficará contente por vê-lo.

Na reverberação do sol, a planície parecia uma lagoa transparente, desfeita em vapores através dos quais brilhava,

translúcido, um horizonte cinzento. E mais além, uma linha de montanhas. E ainda mais além, a mais remota lonjura.

— E como é o seu pai, se se pode saber?

— Não o conheço — disse-lhe. — Só sei que se chama Pedro Páramo.

— Ah! Bem sei.

— Sim, foi assim que me disseram que se chamava.

Ouvi novamente o «Ah!» do almocreve.

Dera com ele casualmente em Los Encuentros, onde se cruzam vários caminhos. Ali fiquei, à espera, até que, por fim, apareceu este homem.

— Para onde vai? — perguntei-lhe.

— Vou para baixo, senhor.

— Conhece um lugar chamado Comala?

— É mesmo para lá que vou.

E eu segui-o. Fui atrás dele tentando acompanhar o seu passo, até que pareceu aperceber-se de que o seguia e diminuiu a pressa da sua corrida. Depois disso, íamos tão próximos, que os nossos ombros quase se tocavam.

— Eu também sou filho de Pedro Páramo — disse-me.

Um bando de corvos passou por nós, atravessando o céu vazio, fazendo cuar, cuar, cuar.

Depois de passarmos os cerros, descemos cada vez mais. Tínhamos deixado o ar quente lá em cima e íamo-nos afundando no puro calor sem ar. Tudo parecia estar à espera de alguma coisa.

— Está calor, aqui — disse.

— Sim, e isto não é nada — respondeu-me. — Espere. Vai senti-lo ainda mais quando chegarmos a Comala. Aquilo está sobre as brasas da Terra, na própria boca do Inferno. Basta dizer-lhe que muitos dos que lá morrem, quando chegam ao Inferno, regressam em busca do seu agasalho.

— Conhece Pedro Páramo? — perguntei-lhe.

Atrevi-me a fazê-lo porque vi nos seus olhos uma gota de confiança.

— Quem é? — voltei a perguntar.

— Um rancor vivo — respondeu-me.

E deu uma chicotada desnecessária nos burros pois estes iam muito adiante de nós, encarreirados na descida.

Senti o retrato da minha mãe guardado no bolso da camisa, aquecendo-me o coração, como se também ela suasse. Era um retrato velho, carcomido nos rebordos; mas foi o único que lhe conheci. Encontrara-o no armário da cozinha, dentro de uma caçarola cheia de ervas: folhas de erva-cidreira, flores de Castela, ramos de arruda. Tenho-o desde então. Era o único. A minha mãe nunca gostou de se deixar fotografar. Dizia que os retratos eram coisas de bruxaria. E assim parecia ser; porque o seu estava cheio de buracos, como que feitos por agulhas, e no sítio do coração tinha um, enorme, onde caberia perfeitamente o dedo do coração⁷.

É o que trago comigo, pensando que poderia ser útil para o meu pai me reconhecer.

— Veja — diz-me o almocreve, estacando. — Vê aquela lombra que parece uma bexiga de porco? Pois mesmo atrás fica a Meia-Lua. Agora olhe para o lado. Vê a crista daquele cerro? Veja-a. E agora olhe para o outro. Vê a outra crista, que quase não se vê, de tão longe que está? Bom, pois essa é a extensão total da Meia-Lua, que é como quem diz toda a terra que se pode abarcar com o olhar. E toda esta terra é dele. Acontece que as nossas mães nos abortaram numa esteira, apesar de sermos filhos de Pedro Páramo. E o mais engraçado é que ele não nos baptizou. Consigo deve ter acontecido a mesma coisa, não?

— Não me lembro.

⁷ Referência ao dedo anular, onde nasce, de acordo com a quiromancia, a linha do coração. (*N. dos T.*)

— Vá mas é enganar outro!

— Que diz?

— Que já estamos a chegar, senhor.

— Sim, estou a ver. O que é que passou por aqui?

— Um *correcaminos*⁸, senhor. É o nome que dão a estes pássaros.

— Não, eu estava a perguntar pela aldeia, que parece tão só, como se estivesse abandonada. Parece que não vive cá ninguém.

— Não parece. É. Aqui não vive ninguém.

— E Pedro Páramo?

— Pedro Páramo morreu há muitos anos.

Era a hora em que as crianças brincam nas ruas de todas as aldeias, enchendo a tarde com os seus gritos. Quando até as paredes negras reflectem a luz amarela do sol.

Era, pelo menos, o que eu vira em Sayula, ontem, a esta hora. E vira também o voo das pombas rompendo o ar quieto, sacudindo as asas como se se desprendessem do dia. Voavam e caíam sobre os telhados, enquanto os gritos das crianças rodopiavam e pareciam tingir-se de azul no céu do entardecer.

Agora estava aqui, nesta aldeia sem ruídos. Ouvia cair os meus passos sobre as pedras redondas que empedravam as ruas. Os meus passos ocos, repetindo o seu som no eco das paredes tingidas pelo sol do entardecer.

Fui andando pela rua principal, a essa hora. Vi as casas vazias; as portas fora dos gonzos, invadidas pela erva. Como é que aquele fulano me disse que esta erva se chamava?

8 Ave rasteira (*Geococcyx californianus*). (N. dos T.)

«A erva capitã, senhor. Uma praga que espera que as pessoas partam para invadir imediatamente as casas. Assim as verá.»

Ao passar por uma ruazinha, vi uma senhora envolta no seu xaile que desapareceu como se não existisse. Depois os meus passos voltaram a mover-se e os meus olhos continuaram a aproximar-se dos buracos das portas. Até que a mulher do xaile voltou a passar diante de mim.

— Boas noites! — disse-me.

Segui-a com o olhar. Gritei-lhe:

— Onde vive a dona Eduviges?

E ela apontou com o dedo:

— Ali. Na casa que fica junto à ponte.

Dei-me conta de que a sua voz era feita de fibras humanas, a sua boca tinha dentes e uma língua que se enrolava e desenrolava enquanto falava e de que os seus olhos eram como todos os olhos das pessoas que vivem sobre a Terra.

Tinha escurecido.

Voltou a dar-me as boas-noites. E embora não houvesse crianças a brincar, nem pombas, nem telhados azuis, senti que a aldeia estava viva. E que, se eu ouvia apenas o silêncio, era porque não estava ainda habituado ao silêncio; talvez porque a minha cabeça vinha cheia de ruídos e de vozes.

De vezes, sim. E aqui, onde o ar era escasso, ouviam-se melhor. Ficavam dentro de nós, pesadas. Lembrei-me do que a minha mãe me dissera: «Lá ouvir-me-ás melhor. Estarei mais perto de ti. Acharás mais próxima a voz das minhas recordações do que a da minha morte, se é que a morte alguma vez teve voz.» A minha mãe... a viva.

Quisera dizer-lhe: «Enganaste-te na morada. Deste-me uma direcção errada. Mandaste-me para o “onde é isto, onde é aquilo?” Para uma aldeia solitária. À procura de alguém que não existe.»

Cheguei à casa da ponte, orientando-me pelo barulho do rio. Bati à porta; mas em falso. A minha mão sacudiu-se no ar como se o ar a tivesse aberto.

Estava lá uma mulher. Disse-me:

— Entre.

E entrei.

Fiquei em Comala. O almocreve, que seguiu viagem, informou-me ainda antes de se despedir:

— Eu vou para além, onde vê a junção dos cerros. Tenho lá a minha casa. Se quiser vir, será bem-vindo. Mas se quiser ficar aqui, então fique; embora não fosse má ideia dar uma vista de olhos à aldeia, talvez encontre algum habitante vivo.

E fiquei. Vinha para ficar.

— Onde poderei encontrar alojamento? — perguntei, quase a gritar.

— Procure a senhora Eduviges, se é que ainda é viva. Diga-lhe que vai da minha parte.

— E como é que o senhor se chama?

— Abundio — respondeu-me. Mas já não consegui ouvir o apelido.

— Sou Eduviges Dyada. Entre.

Dir-se-ia que estava à minha espera. Tinha tudo a postos, segundo me disse, enquanto me conduzia ao longo de uma série de quartos escuros, aparentemente abandonados. Mas não; porque, assim que me habituei à escuridão e ao delgado fio de luz que nos seguia, vi crescer sombras de ambos

os lados e senti que avançávamos ao longo de um estreito corredor aberto entre vultos.

— O que é que há aqui? — perguntei.

— Quinquilharias — disse-me ela. — Tenho a casa cheia de quinquilharias. Os que partiram escolheram-na para guardar os móveis e ninguém veio buscá-los. Mas o quarto que lhe reservei fica ao fundo. Tenho-o sempre desocupado para o caso de alguém chegar. Então o senhor é filho dela?

— De quem? — respondi.

— De Doloritas.

— Sim, mas como sabe?

— Ela avisou-me de que viria. E hoje, precisamente. Que chegaria hoje.

— Quem? A minha mãe?

— Sim. Ela.

Não soube o que pensar. Nem ela me deu tempo para pensar.

— Este é o seu quarto — disse-me.

Não tinha portas, só aquela pela qual tínhamos entrado. Acendeu a vela e vi que estava vazio.

— Aqui não há sítio para me deitar — disse-lhe.

— Não se preocupe com isso. Você deve vir cansado e o sono é muito bom colchão para o cansaço. Amanhã já lhe arranjo a sua cama. Como sabe, não é fácil organizar as coisas de um momento para o outro. Para isso temos de estar prevenidos e a sua mãe só me avisou agora.

— A minha mãe — disse, — a minha mãe já morreu.

— Então era por isso que a sua voz estava tão fraca, como se tivesse tido de percorrer uma distância enorme para chegar até aqui. Agora percebo. E há quanto tempo morreu?

— Há já sete dias.

— Pobre dela. Deve ter-se sentido abandonada. Tínhamos prometido morrer juntas. Irmos juntas para nos animarmos

na viagem, para o caso de precisarmos, para o caso de encontrarmos alguma dificuldade. Éramos muito amigas. Nunca lhe falou de mim?

— Não, nunca.

— Parece-me estranho. É claro que na altura éramos muito novinhas. E ela tinha acabado de casar. Mas gostávamos muito uma da outra. A tua mãe era tão bonita, tão, digamos, tão terna, que dava gosto gostar dela. Dava vontade de gostar dela. Então está em vantagem, não? Mas podes ter a certeza de que a vou apanhar. Só eu entendo quão distante de nós está o Céu; mas sei como cortar caminho. Tudo consiste em morrer, o Senhor seja louvado, quando quisermos e não quando Ele o decide. Ou, se quiseres, obrigá-lo a decidir antes do tempo. Perdoa-me tratar-te por tu; faço-o porque te considero como meu filho. Sim, disse muitas vezes: «O filho de Dolores devia ter sido meu.» Depois te direi porquê. Agora, a única coisa que quero dizer-te é que vou apanhar a tua mãe em algum dos caminhos da eternidade.

Eu achava que aquela mulher tinha enlouquecido. Depois, deixei de achar fosse o que fosse. Senti-me num mundo longínquo e deixei-me arrastar. O meu corpo, que parecia afrouxar, dobrava-se diante de tudo, soltara as suas amarras e qualquer pessoa poderia brincar com ele como se fosse de trapo.

— Estou cansado — disse-lhe.

— Vem comer qualquer coisa. Qualquer coisa de qualquer coisa. Uma coisa qualquer.

— Irei. Irei mais tarde.

A água que gotejava das telhas abria um buraco na areia do pátio. Soava: plás plás e depois novamente plás, em meia folha de louro que dava voltas e reviravoltas entalada numa fenda

dos tijolos. A tormenta já passara. Agora, a brisa sacudia de vez em quando os ramos da romãzeira, fazendo-os espargir uma chuva espessa que estampava a terra com gotas brilhantes que depois se impregnavam. As galinhas, encolhidas como se dormissem, sacudiam subitamente as asas e saíam para o pátio, picando apressadas e apanhando as minhocas desenterradas pela chuva. Quando as nuvens se afastavam, o sol arrancava luz às pedras, irisava tudo de mil cores, bebia a água da terra, brincava com o ar dando brilho às folhas com que o ar brincava.

— O que é que tu tanto fazes na casa de banho, rapaz?

— Nada, mamã.

— Se continuas a ficar tanto tempo lá, virá uma cobra que te vai morder.

— Sim, mamã.

«Pensava em ti, Susana. Nas colinas verdes. Quando lançávamos papagaios na época do vento. Ouvíamos lá em baixo o rumor vivo da aldeia enquanto estávamos por cima dele, no alto da colina, e, entretanto, fugia-nos o fio de cânhamo arrastado pelo vento. “Ajuda-me, Susana.” E umas mãos suas apertavam as nossas mãos. “Solta mais fio.”

«O ar fazia-nos rir; juntava os nossos olhares enquanto o fio corria entre os dedos atrás do vento, até se partir com um leve estalido como se tivesse sido despedaçado pelas asas de algum pássaro. E lá do alto, o pássaro de papel caía às piruetas, arrastando a sua cauda de cordel, perdendo-se no verde da terra.

«Os teus lábios estavam molhados como se o orvalho os houvesse beijado.»

— Disse-te para saíres da casa de banho, rapaz.

— Sim, mamã. Vou já.

«Lembrava-me de ti. De quando ali estavas, olhando-me com os teus olhos de água-marinha.» Ergueu o olhar e viu a mãe à porta.

— Porque demoras tanto a sair? O que é que tu estás aqui a fazer?

— Estou a pensar.

— E não podes fazê-lo noutro lado? Faz mal estar tanto tempo na casa de banho. Aliás, devias arranjar alguma ocupação. Porque é que não vais debulhar milho com a tua avó?

— Vou já, mamã. Vou já.

— Avó, venho ajudá-la a debulhar milho.

— Já acabámos; mas vamos fazer chocolate. Onde é que tu te meteste? Andámos à tua procura durante todo o tempo que durou a tempestade.

— Estava no outro pátio.

— E o que é que estavas a fazer? A rezar?

— Não, avó, estava só a ver chover.

A avó olhou-o com aqueles olhos meio cinzentos, meio amarelos que ela tinha e que pareciam adivinhar o que havia dentro de uma pessoa.

— Anda, vai limpar o moinho.

«A centenas de metros, acima de todas as nuvens, mais, muito mais além, estás tu escondida, Susana. Escondida na imensidão de Deus, por trás da sua Divina Providência, onde eu não consigo alcançar-te e as minhas palavras não chegam.»

— Avó, o moinho não funciona, tem a mó partida.

— Aquela Micaela deve lá ter moído pedras. Não se consegue tirar-lhe esse mau hábito; mas enfim, já não tem remédio.

— Porque é que não compramos outro? Este está tão velho que já não funciona.

— Dizes bem. Embora tenhamos ficado sem um centavo com as despesas que tivemos para enterrar o teu avô e

com os dízimos que pagámos à Igreja. Todavia, faremos um sacrifício e compraremos outro. Seria bom que fosses visitar a dona Inés Villapando e lhe pedisses para no-lo fiar até Outubro. Pagamos-lhe na altura das colheitas.

— Sim, avó.

— E já agora, para que faças o recado completo, diz-lhe que nos empreste uma peneira e uma tesoura de podar; o mato cresceu de tal forma que já nos chega à cintura. Se eu tivesse a minha casa grande, com os currais que tinha, não me queixava. Mas o teu avô cismou em vir para cá. Seja tudo pelo amor de Deus: as coisas nunca são como nós queremos. Diz à dona Inés que na altura das colheitas lhe pagaremos tudo o que lhe devemos.

— Sim, avó.

Havia beija-flores. Era a época. Ouvia-se o zumbido das suas asas entre as flores do jasmim carregado.

Deu uma volta pela mísula do Sagrado Coração e encontrou vinte e quatro centavos. Deixou os quatro centavos e pegou na moeda de vinte.

Antes de sair, a mãe deteve-o:

— Onde vais?

— Vou ter com a dona Inés Villapando buscar um moinho novo. O que tínhamos partiu-se.

— Diz-lhe que me dê um metro de tafetá preto, como este — e deu-lhe a amostra. — Que ponha na nossa conta.

— Muito bem, mamã.

— Quando voltares, compra-me umas cafiaspirinas. No vaso do corredor encontrarás dinheiro.

Encontrou um peso. Deixou a moeda de vinte centavos e pegou na moeda de um peso.

«Agora já tenho dinheiro de sobra para o que me apetecer», pensou.

— Pedro! — gritaram-lhe. — Pedro!

Mas ele já não ouviu. Ia muito longe.

À noite, voltou a chover. Esteve a ouvir o borbulhar da água durante muito tempo; depois deve ter adormecido porque quando acordou já só se ouvia uma chuva miudinha. Os vidros da janela estavam embaciados e, do lado de fora, as gotas resvalavam em fios grossos como lágrimas. «Via cair as gotas iluminadas pelos relâmpagos e, sempre que respirava, suspirava e sempre que pensava, pensava em ti, Susana.»

A chuva transformava-se em brisa. Ouviu: «O perdão dos pecados e a ressurreição da carne. Amén.» Isso era cá dentro, onde as mulheres rezavam o fim do rosário. Levantavam-se; fechavam os pássaros; trancavam a porta; apagavam a luz.

Só permanecia a luz da noite, o ciciar da chuva como um murmúrio de grilos...

— Porque é que não foste rezar o rosário? Estamos na novena pelo teu avô.

Lá estava a sua mãe, na ombreira da porta, de vela na mão. A sua sombra, que se estendia até ao tecto, longa, desdobrada. E as vigas do tecto devolviam-na em pedaços, despedaçada.

— Sinto-me triste — disse.

Então, ela voltou-se. Apagou a chama da vela. Fechou a porta e abriu os seus soluços que continuaram a ouvir-se, confundindo-se com a chuva.

O relógio da igreja deu as horas, uma a seguir à outra, como se o tempo tivesse encolhido.

— Pois bem, eu estive quase a ser tua mãe. Ela nunca te disse nada acerca disto?

— Não. Só me contava coisas boas. Da sua existência, vim a saber pelo almocreve que me trouxe até cá, um tal Abundio.

— O bom do Abundio. Então ele ainda se lembra de mim? Eu dava-lhe comissão por cada passageiro que encaminhava para minha casa. E as coisas corriam-nos bem. Agora, infelizmente, os tempos mudaram pois desde que isto empobreceu já ninguém comunica connosco. De modo que ele te recomendou que viesses ver-me?

— Disse-me que a procurasse.

— Não posso senão agradecer-lhe. Foi um bom homem e muito cumpridor. Era ele quem nos levava e trazia o correio e continuou a fazê-lo mesmo depois de ter ficado surdo. Lembro-me do dia desventurado em que lhe sucedeu a desgraça. Todos nos comovemos porque todos gostávamos dele. Levava-nos e trazia-nos cartas. Contava-nos como iam as coisas do outro lado do mundo e certamente lhes contava como elas corriam connosco. Era um grande conversador. Depois, não. Deixou de falar. Dizia que não tinha sentido pôr-se a dizer coisas que ele não ouvia, que não lhe soavam a nada, que não lhe sabiam a nada. Tudo aconteceu porque estalou muito perto da sua cabeça um desses foguetes que aqui usamos para espantar as cobras-d'água. Desde então emudeceu, embora não fosse mudo; mas, isso sim, não deixou de ser boa pessoa.

— Este de quem lhe falo ouvia bem.

— Não deve ser ele. Aliás, Abundio já morreu. Deve ter morrido, com certeza. Tu percebes? Então não pode ser ele.

— Estou de acordo consigo.

— Bom, voltando à tua mãe, estava a dizer-te...

Sem deixar de a ouvir, pus-me a observar a mulher que tinha diante de mim. Pensei que devia ter passado por anos difíceis. A sua cara era transparente como se não tivesse sangue e as suas mãos estavam murchas; murchas e enrugadas. Não se lhe viam os olhos. Usava um vestido branco muito

antigo, carregado de folhos, e do pescoço, enfiada num cordão, pendia uma Maria Santíssima do Refúgio com uma inscrição que dizia: «Refúgio de pecadores.»

— ... O sujeito de que estou a falar trabalhava como «amansador» na Meia-Lua; dizia chamar-se Inocencio Osorio. Embora todos o conhecêssemos pela alcunha de Saltarico por ser muito leve e ágil a saltar. O meu compadre Pedro dizia que estava talhado para amansar potros; mas a verdade é que ele tinha outro ofício: o de «provocador». Era provocador de sonhos. Era isso que ele era verdadeiramente. E enredou a tua mãe tal como fazia com muitas. Entre outras, eu. Uma vez, senti-me doente e ele apresentou-se e disse-me: «Venho tomar-te o pulso para que te sintas melhor.» E tudo consistia nisto: começava a massajar-te, primeiro nas pontas dos dedos, depois esfregando as mãos; a seguir os braços, e acabava por meter-se entre as nossas pernas, a frio, pelo que aquilo, ao fim de algum tempo, começava a produzir calor. E, enquanto manobrava, falava-te do teu futuro. Entrava em transe, revirava os olhos fazendo invocações e amaldiçoando; enchendo-te de gafanhotos tal como os ciganos. Por vezes, ficava em pelota porque dizia ser esse o nosso desejo. E às vezes acertava; picava em tantos sítios que a algum tinha de ir dar.

«A verdade é que o tal Osorio prognosticou à tua mãe, quando ela o foi ver, que “nessa noite não devia deitar-se com nenhum homem porque a Lua estava bravia.”

«Dolores veio dizer-me, muito apressada, que não podia. Que lhe era pura e simplesmente impossível deitar-se nessa noite com Pedro Páramo. Era a sua noite de núpcias. E ali estava eu, a tentar convencê-la a não acreditar no Osorio, que era aliás um embusteiro e um sedutor.

— Não posso — disse-me. — Vai tu por mim. Não notará.

Claro que eu era muito mais nova do que ela. E um pouco menos morena; mas nada disto se nota no escuro.

— Não pode ser, Dolores, tens de ir tu.

— Faz-me esse favor. Pagar-te-ei com outros.

Nesse tempo, a tua mãe era uma rapariguinha de olhos humildes. Se tinha alguma coisa bonita, a tua mãe, eram os olhos. E sabiam convencer.

— Vai tu no meu lugar — dizia-me.

E fui.

Vali-me da escuridão e de outra coisa que ela não sabia: também eu gostava de Pedro Páramo.

Deitei-me com ele, com gosto, com vontade. Agarrei-me ao seu corpo; mas o folgado da noite anterior deixara-o de rastos, pelo que passou toda a noite a roncar. A única coisa que fez foi pôr as suas pernas entre as minhas.

Antes do amanhecer, levantei-me e fui ter com Dolores. Disse-lhe:

— Vai tu para lá, agora. Hoje já é outro dia.

— O que é que ele te fez? — perguntou-me.

— Ainda não sei — respondi-lhe.

No ano seguinte nasceste tu; mas não de mim, embora quase tivesse sido.

Talvez tenha sido por vergonha que a tua mãe não te contou isto.

«... Planícies verdes. Ver subir e descer o horizonte com o vento que agita as espigas, o eriçar da tarde com uma chuva de triplas ondulações. A cor da terra, o cheiro da alfafa e do pão. Uma aldeia que cheira a mel derramado...»

Ela sempre odiou Pedro Páramo. “Doloritas! Já mandou preparar o meu pequeno-almoço?” E a tua mãe levantava-se antes do amanhecer. Acendia o lume. Os gatos acordavam com o cheiro do lume. E ela andava de um lado para o outro, seguida por um bando de gatos. “Dona Doloritas!”

Quantas vezes ouviu a tua mãe aquela chamada? “Dona Doloritas, isto está frio. Isto não presta.” Quantas vezes? E embora estivesse habituada a passar dificuldades, os seus olhos humildes endureceram-se.

«... Não sentir outro sabor para além da flor das laranjeiras na calidez do tempo.»

Então começou a suspirar.

— Porque suspira, Doloritas?

Nessa tarde, eu acompanhara-os. Estávamos no meio do campo a ver passar os bandos de tordos. Um abutre solitário agitava-se no céu.

— Porque suspira, Doloritas?

— Gostava de ser abutre para voar até onde vive a minha irmã.

— Era só o que faltava, Dona Doloritas. Irá imediatamente visitar a sua irmã. Regressemos. Que lhe façam as malas. Era só o que faltava. E a tua mãe partiu:

— Até logo, dom Pedro.

— Adeus, Doloritas.

Partiu da Meia-Lua para sempre. Muitos meses depois, perguntei por ela a Pedro Páramo.

— Gostava mais da irmã do que de mim. Lá deve estar feliz. Aliás, já estava farto dela. Não penso perguntar por ela, se é isso que te preocupa.

— Mas viverão de quê?

— Que Deus os ajude.

«... O abandono a que nos votou, meu filho, cobra-lho caro.»

E foi assim que, até me avisar agora de que virias ver-me, não voltámos a saber nada dela.

— E aconteceram tantas coisas — disse-lhe. — Vivíamos em Colima, à custa da tia Gertrudis, que nos atirava à cara o peso que éramos. «Porque é que não voltas para o teu marido?», dizia à minha mãe.

— E porventura perguntou por mim? Não parto sem que ele me chame. Vim porque queria ver-te. Porque gostava de ti, foi essa a razão.

— Compreendo. Mas já vai sendo hora de partires.

— Se dependesse de mim.»

Pensei que aquela mulher me ouvia; mas notei que tinha a cabeça inclinada como se escutasse algum rumor longínquo. Depois disse:

— Quando descansarás?

«No dia em que partiste percebi que não voltaria a ver-te. Ias tingida de vermelho pelo sol da tarde, pelo crepúsculo ensanguentado do céu. Sorrias. Deixavas para trás uma aldeia da qual muitas vezes me disseste: “Amo-a por tua causa; mas odeio-a por todas as outras coisas, até por ter cá nascido.” Pensei: “Jamais regressará; nunca voltará.”

— O que é que tu estás aqui a fazer a estas horas? Não estás a trabalhar?

— Não, avó. O Rogelio quer que lhe tome conta do menino. Estou sempre a passeá-lo. Dá trabalho fazer as duas coisas ao mesmo tempo: tomar conta do menino e do telégrafo, enquanto ele passa o tempo a beber cervejas nos bilhares. Além disso, não me paga nada.

— Não estás lá para ganhar dinheiro, mas para aprender; quando já souberes alguma coisa, já poderás ser exigente. Por agora és só um aprendiz; talvez amanhã, ou depois, venhas a ser tu o chefe. Mas para isso é preciso ter paciência e, acima de tudo, humildade. Se te põem a passear a criança, fã-lo, pelo amor de Deus. Tens de te resignar.

— Que se resignem outros, avó, eu cá não estou para resignações.

— Tu e as tuas esquisitices! Sinto que te vais dar mal, Pedro Páramo.

— O que é que se passa, dona Eduviges?

Ela sacudiu a cabeça como se acordasse de um sonho.

— É o cavalo de Miguel Páramo que galopa pelo caminho da Meia-Lua.

— Então vive alguém na Meia-Lua?

— Não, não vive lá ninguém.

— Então?

— Só o cavalo, que vai e vem. Eles eram inseparáveis. Corre por todo o lado à sua procura e regressa sempre por volta desta hora. Talvez o pobre não suporte o remorso. Porque até os animais se apercebem quando cometem um crime, não é verdade?

— Não entendo. Nem sequer ouvi nenhum barulho de nenhum cavalo.

— Não?

— Não.

— Então é coisa do meu sexto sentido. Um dom que Deus me deu; ou talvez seja uma maldição. Só eu sei o que sofri por causa disto.

Guardou silêncio durante algum tempo e depois acrescentou:

— Tudo começou com Miguel Páramo. Só eu soube o que lhe acontecera na noite em que morreu. Estava já deitada quando ouvi regressar o seu cavalo, rumo à Meia-Lua. Achei estranho porque nunca regressava àquelas horas. Regressava sempre quando a madrugada já ia alta. Ia conversar com a sua noiva a uma aldeia chamada Contla, um pouco distante daqui. Saía cedo e tardava a voltar. Mas nessa noite